

Uma interpretação da liberdade a partir do conceito de fenomenologia

An interpretation of freedom from concept of phenomenology

Prof. Dr. José João Neves Barbosa Vicente*
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

RESUMO: Neste artigo analisaremos a questão da relação possível entre liberdade e fenomenologia. Nosso objetivo principal é demonstrar, ainda que seja de forma introdutória, que a liberdade pode ser entendida a partir do conceito da fenomenologia. Para isso, sem qualquer intenção de um aprofundamento sistemático sobre o tema, vamos refletir essencialmente sobre os conceitos de fenomenologia e da liberdade, como pensados por Husserl e Sartre respectivamente, ou pelo menos, como esses conceitos apareceram para nós a partir da nossa leitura introdutória desses dois pensadores.

PALAVRAS-CHAVE: APARÊNCIA; ESSÊNCIA; FENÔMENOS.

ABSTRACT: In this article we will look at the issue of the relationship between freedom and Phenomenology. Our main objective is to demonstrate, even if it is so, that freedom introductory can be understood from the concept of Phenomenology. To do this, without any intention of deepening the theme, we're going to systematically reflect on the concepts of Phenomenology and the freedom, as thought by Husserl and Sartre respectively, or at least, as these concepts have appeared to us from our introductory reading of these two thinkers.

KEYWORDS: APPEARANCE; ESSENCE; PHENOMENA.

INTRODUÇÃO

Em termos gerais, apesar de muito discutidas e debatidas a partir de vários ângulos e por vários pesquisadores e estudiosos, liberdade e fenomenologia não são temas que costumam ser frequentemente analisados em um mesmo espaço; por isso, a nossa proposta, além de ser introdutória e elementar, corre o risco ainda de aparecer de soar aos ouvidos dos especialistas como algo estranho, irrelevante ou até mesmo sem qualquer sentido. No entanto, devemos ressaltar que uma reflexão sobre as ideias de Husserl e de

* Contato: josebvicente@bol.com.br

Sartre, ainda que seja de forma introdutória, podem contribuir seguramente para sanar nossa dúvida, preocupação e insegurança em relação ao tema que pretendemos analisar, ou seja, em outras palavras, uma reflexão, ainda que seja introdutória e elementar como a nossa, sobre os modos como Husserl e Sartre conceberam os conceitos de fenomenologia e de liberdade respectivamente, pode evidenciar que é sim possível e viável falar da fenomenologia e da liberdade de forma conjunta e em um mesmo espaço, pois entre eles existe uma relação fundamental. Para nós, por exemplo, não parece seguro negar a existência de uma relação fenomenológica no modo como Sartre, em sua obra mais celebre, a saber, *O ser e o nada* que para muitos é o marco inicial de toda a história do existencialismo francês, concebe o “Em si” e o “Para si”; tal relação, pode ser traduzida, seguramente, como uma relação essencial entre objeto e consciência, sem a qual a liberdade como entendida pelo filósofo francês perderia o seu sentido essencial; na verdade, em Sartre, o conceito de fenomenologia surge como o principal fundamento do seu conceito de liberdade, se ignorarmos isso, certamente estaremos abrindo mão de uma compreensão adequada do sentido e do significado da liberdade em *O ser e o nada*.

Sartre, como sublinhou PERDIGÃO (1995, p. 36), não perde Husserl de vista, pois para ele, os “fenômenos” não estão escondidos e nem pretendem se esconder, pelo contrário, os fenômenos “são reveladores de si mesmo e nada contém de oculto”, nesse sentido, eles “são exatamente aquilo que se mostram ser, e não devemos supor que existem potências ocultas ou essências armazenadas por detrás das aparências que podemos observar”; ainda de acordo com Perdigão, “todos os fenômenos através dos quais se manifesta o ser”, não estão em nenhuma outra forma senão “em ato”, eles, na verdade, apenas “existem dando provas dessa existência em ato”. Portanto, além de não ter perdido Husserl de vista, Sartre também seguiu o pensador alemão de perto em seus princípios fundamentais, pois para ele, “tudo está em ato”, ou seja, não se pode dizer, em hipótese alguma, pelo menos a partir das suas ideias, que o “fenômeno” é algo que se esconde e que não pode ser visto, pelo contrário, o “fenômeno” é algo que, para Sartre, se mostra na totalidade do seu ser, sem qualquer intenção de se esconder nenhuma das suas características. De todo modo, nessa reflexão que propomos sobre fenomenologia e liberdade, nos interessa demonstrar, ainda que a ideia não tenha nada de novidade e, provavelmente, nem sequer

contribuirá para acrescentar algo relevante sobre o tema aqui tratado, mais pelo menos serve como um exercício para o pensamento, que a questão da fenomenologia como discutida por Husserl encontra-se na base do conceito de liberdade em Sartre, como aparece fundamentalmente em sua obra maior *O ser e o nada*. Uma obra importante, não apenas porque discute questões filosóficas relevantes, mas principalmente, também, porque ela, em termos gerais, simboliza o início do existencialismo ateu, uma vez que como dizem os estudiosos e versados nesse tema, o existencialismo cristão começou com o *Diário metafísico* de Gabriel Marcel publicado em 1927, portanto, dezesseis anos antes da publicação do livro do filósofo francês.

Devemos destacar, logo de início, que ao discutir a questão da fenomenologia em seus estudos, Husserl se preocupa, ou pelo menos se mostra preocupado, assim como os empiristas, com um “retorno às coisas mesmas”. Mas, de todo modo, é importante ressaltarmos também que ele não caminha necessariamente na mesma direção que caminharam os empiristas; na verdade, Husserl difere dos empiristas, se considerarmos fundamentalmente que sua preocupação vai além da experiência para chegar até as “essências”, nessa visão originária que é a visão das essências; “essência” que, em termos gerais, como compreendida por ele difere largamente da forma como ela é entendida, por exemplo, por Platão e Leibniz; para Husserl, quando se fala em essência, se remete à contingência da realidade espaço-temporal de um indivíduo, a essência indica sua necessidade, ou em outras palavras, designa o “feixe permanente de predicados” que lhe sobreveem necessariamente. Dito isso, devemos sublinhar, em linhas gerais, que o tema básico ou fundamental que Husserl discute em seus estudos referente à fenomenologia, não é outra coisa senão o problema da intencionalidade, para dizermos isso de um outro modo, toda a consciência como entendida por Husserl, tem de ser necessariamente consciência de alguma coisa, ou seja, para ele, a consciência é entendida sempre como uma explosão para fora de si mesma, isso significa dizer, por exemplo, parafraseando aqui as suas palavras, que perceber uma montanha à frente não é ter uma reprodução em miniatura dessa montanha no espírito, mas ter em mira o próprio objeto; para o filósofo alemão, portanto, está claro que não se trata simplesmente de fazer uma distinção entre o ser como consciência e o ser como objeto, para ele, trata também de compreender que o mundo natural é relativo à consciência de que ele é

correlato. Quando Husserl desenvolveu a sua ideia sobre a intencionalidade da consciência, ele talvez não imaginasse, por exemplo, que estava desenvolvendo uma ideia que mais tarde serviria para dar suporte a um grande conceito que seria desenvolvido por um grande pensador da contemporaneidade, mas seus estudos tornaram-se, portanto, algo fundamental para Sartre, na verdade, podemos dizer sem qualquer receio que a ideia diretriz da obra de Sartre *O ser e o nada* está firmemente enraizada na concepção de Husserl de que “toda consciência é consciência de algo”, pois foi esse assunto que se tornou a questão básica para que o filósofo francês desenvolvesse o tema da liberdade em seus estudos.

Uma atenção especial às ideias de Sartre desenvolvidas fundamentalmente em sua obra *O ser e o nada*, nos permite dizer que, para ele, falar em inconsciente propriamente dito, é uma ilusão, ou em outros termos, é falar de algo que simplesmente não existe, pois o homem, para o filósofo francês, é um ser que deve sempre estar consciente de alguma coisa, e a primeira coisa da qual ele deve estar consciente é ele mesmo. Para o filósofo francês, podemos afirmar que a matéria “resiste”, o objeto “consiste” e o animal “subsiste”, mas quando se trata do homem devemos dizer que apenas ele existe realmente, ou seja, nenhum outro ser vivo tem consciência de ser, este é um privilégio exclusivo do homem. Isso significa dizer em termos do pensamento de Sartre, o “ser para si” em oposição à matéria ou aos animais que, em essência constituem o “ser em si”. Nesse sentido, de acordo com Sartre, se algum homem optar a por recusar a tomar consciência do seu próprio ser, ele certamente se enveredará pelo caminho tortuoso e nebuloso daquilo que ele denominou de “má fé” e pelo universo de “porcos”. Se quisermos descobrir os motivos pelos quais Sartre adotou a ideia de Husserl sobre a intencionalidade da consciência em seus estudos e a transformou em diretriz para as suas ideias desenvolvidas principalmente em sua obra *O ser nada*, devemos considerar, fundamentalmente, que em Husserl, o estudo sobre a fenomenologia não privilegia e nem preserva outra coisa senão a própria existência do ser no mundo, além de ligar a filosofia à vivência. Em outros termos, significa dizer que, para HUSSERL (1986, p. 75), em linhas gerais, não se pode falar de consciência sem antes compreendê-la como sendo “todas as vivências”, ainda de acordo com esse filósofo, apenas existe uma única coisa capaz de caracterizar a consciência em seu sentido próprio e total, trata-se da intencionalidade; ninguém pode referir-se às “vivências” sem pensalas

como consciência de alguma coisa, é isso que encantou Sartre; na verdade, isso não apenas o encantou, mas forneceu a ele fundamentos necessários para que ele descrevesse o homem como um ser no qual o inconsciente absolutamente não existe, e uma vez que no homem a consciência como tal simplesmente não existe, Sartre pensou o homem, cada homem, como um ser que sempre deve estar consciente de alguma coisa, a começar, ele deve estar sempre consciente de si mesmo.

Não se pode negar ou ignorar, em hipótese alguma, a importância do sujeito e do objeto, principalmente quando o que está em questão é a fenomenologia de Husserl; sempre quando se discute ou se analisa o pensamento de Husserl, deve ser posto em evidência que, para ele, a consciência em si não existe, ou em outros termos, sem uma situação não se pode falar em consciência; e ninguém pode negar que essa ideia é praticamente a mesma desenvolvida por Sartre em seus estudos, ele na verdade faz uma relação entre o seu conceito de liberdade e o conceito de fenomenologia de Husserl, ou seja, os fundamentos do conceito de liberdade desenvolvido por Sartre encontram-se alicerçados no conceito de fenomenologia desenvolvido por Husserl. Para o pensador alemão, qualquer um que propõe falar de seres humanos deve partir do princípio que eles são seres cuja consciência não é algo que existe em si; os seres humanos não têm poder para pensar sem uma existência no mundo, em outras palavras, sem a existência de uma realidade que possa garantir aos homens uma base segura de sustentação, eles não conseguem pensar, não existe homem no mundo capaz de pensar por acaso, pois não existe nenhuma consciência cujo sentido, como sublinhou Husserl, não esteja diretamente ligado a algo que ela mesma visa, ou seja, a consciência nunca visa ela mesma, o objeto que ela mira é sempre diferente dela mesma, e tal objeto encontra-se sempre exterior a ela. Tudo isso significa, em termos gerais, que para Husserl, não existe objeto capaz de existir em si próprio, ele apenas pode existir para uma consciência que tenha condições de lhe proporcionar um sentido, para dizermos de outro modo, quando falamos de consciência falamos de algo com poder para atribuir sentido às coisas. Se prestarmos atenção às análises de SARTRE (1968, p. 29), podemos perceber que em relação a esse assunto, ele diz de forma clara que é necessário considerar incessantemente que “a consciência não tem ‘interior’”; essa afirmação categórica do filósofo francês deve ser entendida muito simplesmente que se alguém pretende falar de consciência, ele precisa

estar ciente que se trata de algo que, em essência, é o seu próprio exterior.

A fenomenologia como entendida por Husserl, como sublinham vários dos seus comentadores, apesar de lembrar um pouco a psicologia descritiva de Karl Stumpf e, bem mais ainda, as ideias de Brentano de quem ele foi aluno e que introduziu o termo *intencionalidade*, devemos dizer, no entanto, que Husserl em seus estudos se afasta da perspectiva psicológica e rompe por completo com a ideia que concebe a consciência como interioridade; para ele, não se pode acreditar, por exemplo, que a inclusão do mundo na consciência é algo real como uma floresta ou um rio, na consciência, portanto, a inclusão do mundo se dá de forma intencional, por isso não se pode falar de uma relação entre consciência e a coisa como se ela fosse uma relação de um dentro com um fora. Em Sartre, por exemplo, a ideia do filósofo alemão pode ser não apenas constatada, mas também entendida, de acordo com o filósofo francês, quando a consciência faz um esforço para voltar para si mesma, ou em outros termos, quando ela coincide com ela mesma, ela necessariamente se anula; a consciência, portanto, tem necessidade de existir como consciência de outra coisa, jamais como ela mesma, é isso que Husserl denomina de *intencionalidade*, a consciência como entendida por ele é consciência do fenômeno. Na verdade, a fenomenologia como pensada por Husserl se tornou um método revolucionários, ou como disse MARTINS (2006, p. 18), em Husserl, “como método de pesquisa, a fenomenologia é uma forma radical de pensar”, e no que diz respeito ao processo de conhecimento, a questão referente ao sujeito e objeto é visto como algo definitivamente inseparável. Do ponto de vista da fenomenologia, e considerando a contribuição de Sartre, quando se trata do sujeito e do objeto, se queremos fazer uma distinção entre eles, devemos levar em consideração que tal distinção repousa-se exclusivamente no fato de que o primeiro é a consciência que deve ser entendida como um “ser para si”, e o segundo é a coisa que deve ser entendida como um “ser em si”; acontece, no entanto, que não podemos esquecer, também, que a consciência não é uma coisa, não é um objeto, por isso ela pode fazer dele mesma um objeto de pensamento, nesse sentido, mais do que ser intencional, a consciência é, também, autorreflexiva.

Grande admirador das ideias de Husserl, principalmente do modo como o filósofo alemão expõe suas ideias sobre a fenomenologia, Sartre seguiu de perto os ensinamentos de Husserl,

nesse sentido, em suas reflexões nunca admitiu a existência de um “interior”. Isso significa dizer que, para o filósofo francês, em hipótese alguma, devemos conceber a consciência como sendo algo no qual existiria algum tipo de entidade ou conceito. Para ele não se pode falar de um “dentro”, pois tudo está “fora”, isso inclui, também, pessoas que se relacionam e coisas que estão entre coisas; se apenas podemos compreender a liberdade com “essência” do “para si”, isto é, como essência de um ser que se encontra em atividade no mundo, então é evidente que não se pode falar acerca da existência de um “interior”. Não se pode falar de um fenômeno sem levar em consideração que se trata de algo diretamente ligado àquilo que se manifesta, ou seja, àquilo que se manifesta para a consciência, e esta lhe atribui um sentido e fazer surgir nele algum significado ou valor. Fenômeno nada mais é senão algo apreendido apenas como uma manifestação da intencionalidade, assim como também todo o objeto possível passa a existir apenas e exclusivamente não como algo em si, mas como algo para a consciência. Para compreendermos tudo isso, devemos dizer que, nesse sentido, a consciência inclina-se para o objeto, enquanto o sujeito aparece como algo que dá sustentação à existência das coisas; sem inclinar-se para o mundo, a consciência simplesmente não existe, pois ela é, em essência, consciência de alguma coisa e, para garantir a sua existência, ela necessita de uma relação constante com o objeto.

O objeto, por exemplo, mesmo sendo condenado absolutamente a ser ele mesmo, não pode ser livre, ele não é capaz de sair de si; o objeto, portanto, não tem qualquer condição de conseguir fazer alguma coisa que possamos chamar de uma renovação da própria existência. De todo modo, devemos destacar que se o objeto está condenado a permanecer sempre aquilo que é e jamais poderá ser livre, o mesmo já não se pode dizer da consciência caracterizada como intencionalidade pura; na verdade, a consciência se define essencialmente como intencionalidade em relação aos objetos que estão todos fora dela e que, por definição, não são ela. A consciência, portanto, não pode ser definida como aquilo que é, mas sim como algo que faz a si mesmo, por isso ela está condenada à liberdade; como disse BORNHEIM (2007, p. 38-46), a “consciência” é algo “que permanece presa a si, sem conseguir abandonar-se”, e a liberdade do homem encontra-se fundamentada no fato dele não ser “estruturado por nenhuma constituição interna”, a liberdade, de fato, surge como uma indeterminação absoluta que apenas se revela na consciência do

homem, e o ser próprio da consciência nada mais é senão a intencionalidade. É nesse sentido, por exemplo, que devemos entender que, em Sartre, todo o objeto não é apenas um ser para a consciência, ele também deve ser entendido como um “ser em si” que somente ganha o status de “ser” para a consciência, porque não possui uma natureza capaz de ser comparada à natureza da consciência.

Como já mencionamos anteriormente, não se pode falar de consciência se não pensarmos nela como algo sem qualquer conteúdo e cuja essência é a intencionalidade, a consciência é algo sempre em um constante lançar-se no mundo. Na verdade, sem esse lançar-se no mundo, a consciência não é nada, pois ela se constitui como algo apenas quando se lança para fora de si mesma, ou se quisermos dizer em outras palavras, sem se constituir como fuga constante e permanente rumo ao objeto, a consciência se transforma em nada, isto é, em algo absolutamente sem qualquer sentido, afinal, quando falamos de consciência, não estamos falando, por exemplo, de uma “coisa” que possui um conteúdo, mas sim de algo que, seguramente, pode ser denominada de uma transcendência pura isto é, liberdade. É por isso, que, para SARTRE (1996, p. 25), a consciência surge como algo que “sai de si mesma” e que “transcende”, a consciência é, portanto, definitivamente, algo que, “por princípio” está “fora dela: é transcendente”. A consciência implica assim em sua própria essência, por isso ela é fundamentalmente liberdade, e esta constitui-se em seu ser próprio, ou seja, a liberdade é o ser da consciência, afinal, a consciência nada mais é senão aquilo que a sua natureza determina que ela seja, a saber, a consciência de mundo, ou em outros termos, a consciência em situação, nesse sentido, para o filósofo francês, liberdade deve ser sempre entendida como ação e autonomia de escolha, ou seja, quando se pensa em liberdade é preciso sempre imaginar o “para si” como autocriador movendo-se no mundo e, ao mesmo tempo, transcendendo o mundo. Para SARTRE (1996, p. 242), portanto, a “consciência” que podemos denominar de “livre”, e “cuja natureza é ser consciência de alguma coisa” e que apenas “pode ser enquanto estiver no mundo, quer dizer, vivendo sua relação com o real como situação”, não é outra coisa “senão a própria consciência tal como ela se revela no cogito”.

Isso, no entanto, não nos impede de sublinhar com COHEN-SOLAL (1985) que, em Sartre, a consciência deve ser entendida sempre como o seu próprio nada, ainda que tal afirmação soe como algo paradoxal. Mas o que significa dizer que a consciência

é o seu próprio nada? Em termos do pensamento de Sartre, quando se diz que a consciência é o seu próprio nada, é porque ela é em essência a negação do “em si”, isto é, a negação do ser objetivo, externo e independente dela mesma. A liberdade, por sua vez, aparece nesse sentido como algo que fundamenta o “para si”, isto é, como algo que fundamenta a consciência enquanto anulação ou “nada” do objeto; em outros termos, a liberdade fundamenta a existência humana opondo-se à coisa, ao objeto, isto é, ao “em si”. A consciência dessa existência, independentemente de estar, por exemplo, envolvida nas questões culturais, ainda assim “ser para si” surge com a consciência dessa existência. Não é por acaso, portanto, que, para Sartre, somos um “em si” que se perde como um “para si” no intuito de se firmar como consciência; em termos gerais, esse tipo de raciocínio indica que quando se torna o “para si”, se transforma o “em si” em nada, aqui temos, portanto, a liberdade, pois a nossa condição diz SARTRE (1997, p. 545), “é livre porque não é o bastante”, ela é livre porque ela “está desprendida de si mesma”, ela é livre “porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será”; afinal, nenhum “ser” que, em essência “é o que é”, pode “ser livre”; o que deve ser considerado, portanto, é que a liberdade, como entendida por Sartre, é “o nada que obriga a realidade humana a fazer-se”.

Se o “ser para si” tem condições para se tornar a causa de si, é porque ele é algo que representa a própria “essência” da liberdade, afinal, falar da liberdade é referir-se a algo que, definitivamente, não é um dado, mas sim alguma coisa que, em sua essência, implica necessariamente em uma decisão, ou melhor dizendo, em uma escolha; é por isso que quando se trata do pensamento de Sartre, o homem aparece como um ser, necessariamente e radicalmente condenado à liberdade, uma liberdade que nada mais é senão uma condição para se escolher, e é bom lembrarmos sempre que “não escolher” diz SARTRE (1997, p. 592), “é escolher não escolher”. Nenhum outro ser existente, segundo Sartre, tem condições de escolher, portanto, esse tipo de “privilegio” é exclusivamente dos seres humanos, apenas eles podem escolher e, portanto, apenas eles podem ser livres. Para Sartre, as coisas ou os objetos não são nada mais do que aquilo que são, eles são, portanto, totalmente diferentes dos homens que podem ser entendidos como projetos e, por isso mesmo, estão sempre além de si próprios; através do “para si” e por meio da ação, o indivíduo tem a total condição para transformar a realidade, seja ela objetiva ou subjetiva, pois ele é um

ser totalmente livre, não apenas em relação ao mundo, mas também em relação a si próprio. Nesse sentido, a liberdade do homem nunca é algo separado, por exemplo, da ação, por isso o pensamento desenvolvido pelo filósofo francês nos conduz, necessariamente a uma ética do agir, pois em termos gerais, o que de fato define a existência humana é, precisamente, a ação e não qualquer outra coisa. Tudo isso significa dizer em um sentido geral, que não se pode falar de uma realidade humana que seja algo primeiro e um agir que seja algo depois, na verdade, se estamos falando em termos do pensamento de Sartre, devemos dizer que a realidade humana somente pode ser algo que é, se ela é, de fato, ação, pois deixar de agir significa essencialmente deixar também de ser. E a liberdade sendo o fundamento do “para si”, só pode efetivar, portanto, como uma escolha subjetiva; assim, devemos procurar a liberdade dentro do coração, afinal, qualquer reflexão posterior do indivíduo, só pode ser algo resultante do seu projeto subjetivo de escolha, nesse sentido, “a existência”, como disse SARTRE (1987, p. 5), “precede a essência”, ou seja, para dizermos em outros termos, é necessário que o indivíduo comece a partir da sua subjetividade.

Quando Sartre diz que é preciso começar a partir da subjetividade, ele não quer e nem pretende dizer que o indivíduo e a sua existência devem ser reduzidos ao individualismo, pois o filósofo francês tem convicção clara de que todo e qualquer ato humano apenas faz sentido por ser exatamente um ato não isolado, afinal, como se definiu o “ser para si”, ficou evidente que ele apenas faz sentido porque em sua essência ele é um ser para outro; o indivíduo como entendido por Sartre, não é um ser no mundo como, por exemplo, uma planta, uma montanha ou um oceano, mas sim é um ser entendido e concebido no mundo como capaz de relação intersubjetiva; é por isso que para o filósofo francês, quando falamos de liberdade, nós falamos também de responsabilidade, pois as duas coisas são necessariamente correlatos. Se cada um de nós está condenado a ser livre e ninguém é capaz de se escapar dessa condenação, precisamos considerar e admitir que essa condenação obriga cada um de nós também a carregar por toda a existência todo o peso do mundo sobre os ombros; ou seja, cada indivíduo, para SARTRE (1997, p. 678), “é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser”. Essa responsabilidade deve ser entendida por todos nós não como um fardo ou um castigo cruel, mas fundamentalmente como uma “reivindicação lógica das consequências

de nossa liberdade”. Isso significa dizer, em termos gerais, que, para o filósofo francês, tudo aquilo com o indivíduo, acontece por ele, ou em outros termos, tudo aquilo “que acontece comigo, acontece por mim, e eu não poderia me deixar afetar por isso, nem me revoltar, nem me resignar”.

Toda a base do pensamento de Sartre, ao contrário do modo como pensam alguns estudiosos das suas ideias, é apresentada em uma linguagem acessível e, certamente, para ser compreendida pelo maior número possível de leitores; mas isso também, como aparece fundamentalmente em sua obra *O existencialismo é um humanismo* (1987), tem a ver com o esforço do filósofo no sentido de atender às críticas que foram dirigidas a ele e que, em termos gerais, giram em torno acusação de que as suas ideias nada mais são do que uma defesa radical do imobilismo e do desespero do indivíduo, pois em suas linhas gerais, todas elas fazem um esforço enorme no sentido de colocar os indivíduos em uma condição na qual eles têm a total responsabilidade pelas escolhas das quais não podem fugir e nem escapar. Mas, na verdade, o que SARTRE (1987, p. 6-7) defende em seus estudos, não é, em hipótese alguma, o imobilismo e o desespero do indivíduo, mas sim o engajamento do indivíduo em ação que engloba todos os seres humanos; pois quando ele diz que “o homem se escolhe a si mesmo”, ele apenas pretende dizer “que cada um de nós se escolhe”, e que também “escolhendo-se”, o indivíduo “escolhe todos os homens”. Qualquer ato de um indivíduo cuja intenção é criar “o homem que queremos ser”, é também um ato que pretende criar, “simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser”. Portanto, quando se escolhe “ser isto ou aquilo”, no fundo afirma-se “concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos”. Se é verdade que toda a “existência precede a essência”, e se é verdade também que “nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem”, então “essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira”.

De acordo com as ideias de Sartre, não existe mundo humano se o mesmo não for considerado e entendido como essencialmente liberdade. Nesse sentido, falar em termos de mundo humano é, fundamentalmente, falar de um espaço propício para que o indivíduo não fique estagnado, parado, imobilizado ou sem ação, mas

sim para que ele possa lançar-se às possibilidades futuras ou para que ele possa sempre renovar algo e a si mesmo, sem nunca ficar preso na contingência, pois apenas desse modo é possível revelar-se o ato humano criador presente em cada um de nós. Toda a nossa existência é entendida, portanto, através da possibilidade de escolhermos conscientemente; como disse SARTRE (1997, p. 573), não apenas estamos todos perpetuamente comprometidos em nossa escolha”, mas também estamos todos “conscientes de que nós mesmos podemos abruptamente inverter essa escolha e ‘mudar o rumo’, pois projetamos o porvir por nosso próprio ser e o corremos perpetuamente por nossa liberdade existencial”; portanto, nós mesmos fazemos anúncio sobre “o que somos por meio do porvir e sem domínio sobre este porvir que permanece sempre possível, sem jamais passar à categoria do real”. A liberdade como concebida por Sartre, no entanto, não exclui, em hipótese alguma, a possibilidade do indivíduo transgredir, na verdade, sem essa possibilidade não se pode falar em liberdade. O homem necessita lançar-se em um projeto futuro no intuito de sempre buscar a renovação, mas esse lançar-se não é algo que acontece na ausência de angústia, por exemplo, que, em Sartre está diretamente ligada à sensação do vazio ou do nada que outra coisa não é senão a própria consciência, não existe nenhum “ser” capaz de ser, se antes ele não estiver sendo; por isso, para Sartre, apenas na escolha subjetiva do indivíduo é possível a existência da liberdade se tornar algo explícito; cada um de nós, em termos gerais, é uma escolha absoluta de si a partir de um mundo que tal escolha acaba por iluminar, nesse sentido, é preciso sublinhar que todos nós somos seres absolutamente incondicionados por qualquer causa anterior, pois a existência sempre precede a essência, ninguém, portanto, deve justificar a sua responsabilidade, pois ela é absolutamente total, somos seres jogados no mundo e, em tese, estamos absolutamente sozinhos e sem qualquer fonte de ajuda, apenas estamos ligados e comprometidos com um mundo do qual somos totalmente responsável, e dessa responsabilidade não podemos nunca fugir, mesmo que queremos e mesmo se tentarmos, estamos, portanto, presos a essa responsabilidade, pois se desejarmos fugir dela, ainda assim somos responsáveis por esse nosso desejo.

Todos os valores com os quais vivemos e convivemos são dados por nós mesmos, por isso nada é oculto ou encontra-se escondido por trás de algo aparente, na verdade, para Sartre, não se pode falar de algo que esteja oculto e que não seja fenômeno, algo que

é absolutamente um indicativo de si mesmo; em outros termos, podemos dizer que, para Sartre, só existe um tipo de ser para o qual as coisas existem, esse ser é o ser humano, pois em essência, ele não é outra coisa senão a própria carência de ser, pois ele não é, mas apenas existe, e o que ele um dia será se constituirá sobre algo que ele não é. É nesse sentido que entra o problema de angústia que outra coisa não é senão uma experiência do nada na existência do indivíduo; mas é possível compreendermos também a angústia como uma tensão entre aquilo que o indivíduo foi com aquilo que ele se tornará, nesse caso, a consciência é separada da sua própria essência por aquilo que se pode denominar com Sartre do “nada”, ou então ela é separada do futuro por sua própria liberdade; a angústia surge, assim, como algo que capta todos os valores a partir do mundo a partir do conformismo dos valores constituídos e instituídos. Infelizmente, nenhum ser humano, pelo fato de ser um eterno projeto que ao fazer uma escolha sempre escolhe a si próprio, é capaz de fugir à angústia, pois diante dele o futuro é algo permanentemente aberto e a liberdade está sempre disponível, além de ele estar condenado à liberdade que, em essência, só pode manifestar-se na escolha. Uma vez que toda a escolha do indivíduo acaba por levá-lo a ter uma responsabilidade pelo objeto de sua escolha, a angústia é fruto da existência na qual o sujeito se sente livre para uma dimensão sem limites exatamente pelo fato de a consciência ser algo totalmente vazio e, como tal, absolutamente livre.

Se nem os valores e nem os caminhos para que possamos chegar até eles não são coisas que nos são dadas, então precisamos compreender de uma vez por todas, que tais coisas precisam ser constantemente recriadas ou inventadas por nós. Mas, de todo modo, apesar de temermos a angústia da escolha e própria responsabilidade por nós e pelo mundo, não é aconselhável fugirmos da liberdade, pois se agirmos desse modo, teríamos que nos refugiar naquilo que Sartre denominou de “má fé”, o que nada mais é, senão a própria inautenticidade, ou em outros termos, a “má fé” consiste em recusar-se a tomar consciência de si mesmo, principalmente de sua liberdade; isso acontece fundamentalmente porque para o filósofo francês, existência e liberdade andam juntas, isto é, existir, para um homem, significa ser livre. Se alguém fugir da liberdade, ele foge do próprio mundo, quem foge da angústia não deixa de buscar com esse ato, uma forma de encontrar e de conhecer a própria angústia, cada indivíduo sempre tem a escolha de seus atos, ele é sempre um ser totalmente responsável por todos os seus atos, na verdade, para Sartre, cada um

de nós nasce livre, responsável e sem desculpas; nesse sentido, refugiar em justificativas vãs, sob pretexto de não ter conseguido agir de outro modo, significa para o filósofo francês, ser um mentiroso, um enganador, um trapaceiro, pois qualquer um que recuse fazer escolhas, esta escolhendo não escolher. Quando o indivíduo busca refúgio na “má fé”, ele não busca se esconder na mentira com a intenção de enganar o seu semelhante, afinal, como sabemos, para Sartre, quem busca refúgio na “má fé”, simplesmente está escondendo uma verdade dele mesmo, e ao fazer isso, ele pretende ocultá-la com maior eficácia. Nesse sentido, como entende Sartre, todo o ato de má fé, em primeiro lugar, deve ser entendido como uma tentativa do indivíduo para fugir de algo do qual é impossível fugir, pois em essência, ele quer fugir daquilo que ele mesmo é. Não há outra alternativa, para Sartre, qualquer indivíduo que insiste em buscar refúgio na desculpa das suas próprias paixões, não passa de um homem radicalmente de “má fé”, pois, em hipótese alguma, é possível falarmos de uma existência que possa ser inconsciente e capaz de ser submetida à consciência, o próprio ego, para SARTRE (1994, p. 43), nunca pode ser concebido como uma instância ou algo que, por assim dizer, pode ser denominado de habitante da consciência; para ele, “o ego” nunca “está na consciência”, seja em sentido formal, seja em sentido material, o ego sempre “está fora, no mundo; é um ser no mundo, tal como o ego de outrem”.

Se pretendemos falar de algo que possa fundamentar todos os valores, seja aqueles criados ou recriados pelos homens, esse algo responde pelo nome de liberdade. E se somos nós os criadores de todos os valores existentes, então podemos dizer que a própria vida é algo totalmente desprovido de sentido se pensarmos em termos apriori, afinal, antes de qualquer um de nós existir, ou melhor dizendo, antes de qualquer indivíduo viver, a vida como tal não era absolutamente nada, e se ela possui algum sentido, é porque tal sentido foi dado por aquele que vive, e todo o valor possível, nada mais é senão esse sentido dado por aquele que vive. Fica assim evidente que não existe nenhum tipo de valor que seja, por exemplo, algo exterior à própria existência, nesse sentido, podemos dizer que toda e qualquer finalidade da vida, não é outra coisa senão a própria vida em si mesma, sendo assim, nenhum indivíduo é maior do que a sua própria vida. Apenas a intencionalidade, portanto, é capaz de constituir-se em um fundamento adequado da consciência, isto é, da liberdade, assim, não se pode negar a liberdade sem se cair na negação

da própria subjetividade, algo que, em essência, representa o próprio indivíduo como tal, quem foge ou recusa a liberdade, acaba por recusar a si mesmo. E mais, para Sartre, por mais que o indivíduo faça o esforço para fugir ou ocultar a liberdade, ela nunca deixará de estar sempre disponível e sempre como possibilidade de desmascarar esse mesmo indivíduo; todos que preferem se esconder na má fé acabam se tornando prisioneiros do medo de si próprios, é preciso, portanto, afirmar sempre a liberdade, independentemente do modo ou da situação na qual nos encontramos, pois todos nós somos capazes de transcende aquilo que é “dado” por meio de um lançar-se no mundo através da ação.

Ao longo desta reflexão procurou-se evidenciar que aquilo que podemos denominar de realidade humana, só pode existir e fazer algum sentido como fenômeno puro ou intencionalidade, portanto, não como algo oculto ou escondido atrás de uma aparência misteriosa. Não se pode definir o homem em hipótese alguma, como um ser que não seja aquele que se inclina necessariamente para o mundo; é da sua própria natureza ser e constituir-se no mundo com os outros, por isso ele é um ser definitivamente condenado a ser livre e, portanto, não pode não sê-lo, não pode fugir e nem evitar essa condenação, ainda que o mundo no qual ele vive não foi escolhido por ele, pois tal mundo já existia antes mesmo da sua existência. Se o indivíduo se sente condenado e abandonado, ele deve se sentir também um ser responsável não apenas para consigo mesmo, mas também para com o próprio mundo ainda que nele ele é simplesmente um estranho. Dentro do mundo no qual ele aparece como simplesmente um estranho, o indivíduo precisa e deve assumir a sua subjetividade e a sua transcendência, sem negar ou fugir da angústia que surgirá como consequência não apenas da escolha, mas da própria existência em si; todos precisam assumir a sua condição que se encontra fundamentada na liberdade, ou então voltar para o mundo das coisas estabelecidas; qualquer um que negue a liberdade, acaba negando também que, em essência, o fundamenta como indivíduo, de todo modo, é necessário registrar que, em Sartre, ninguém consegue fugir da angústia da liberdade por mais que se tente, pois qualquer tentativa para se fugir da própria responsabilidade, significa dizer que o indivíduo ainda está optando por fazer uma escolha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORNHEIM, G. **Sartre-Metafísica e existencialismo**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

COHEN-SOLAL, A. **Sartre**. Paris: Gallimard, 1985.

HUSSERL, Edmund. **Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

MARTINS, J. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Centauro, 2006.

PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. In: SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Lisboa: Europa - América, 1968.

_____. **A imaginação**. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Col. Os pensadores).

_____. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Col. Os pensadores).

_____. **A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica**. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

_____. **O imaginário**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1997.

Recebido em: out./2016

Aprovado em: mar./2017